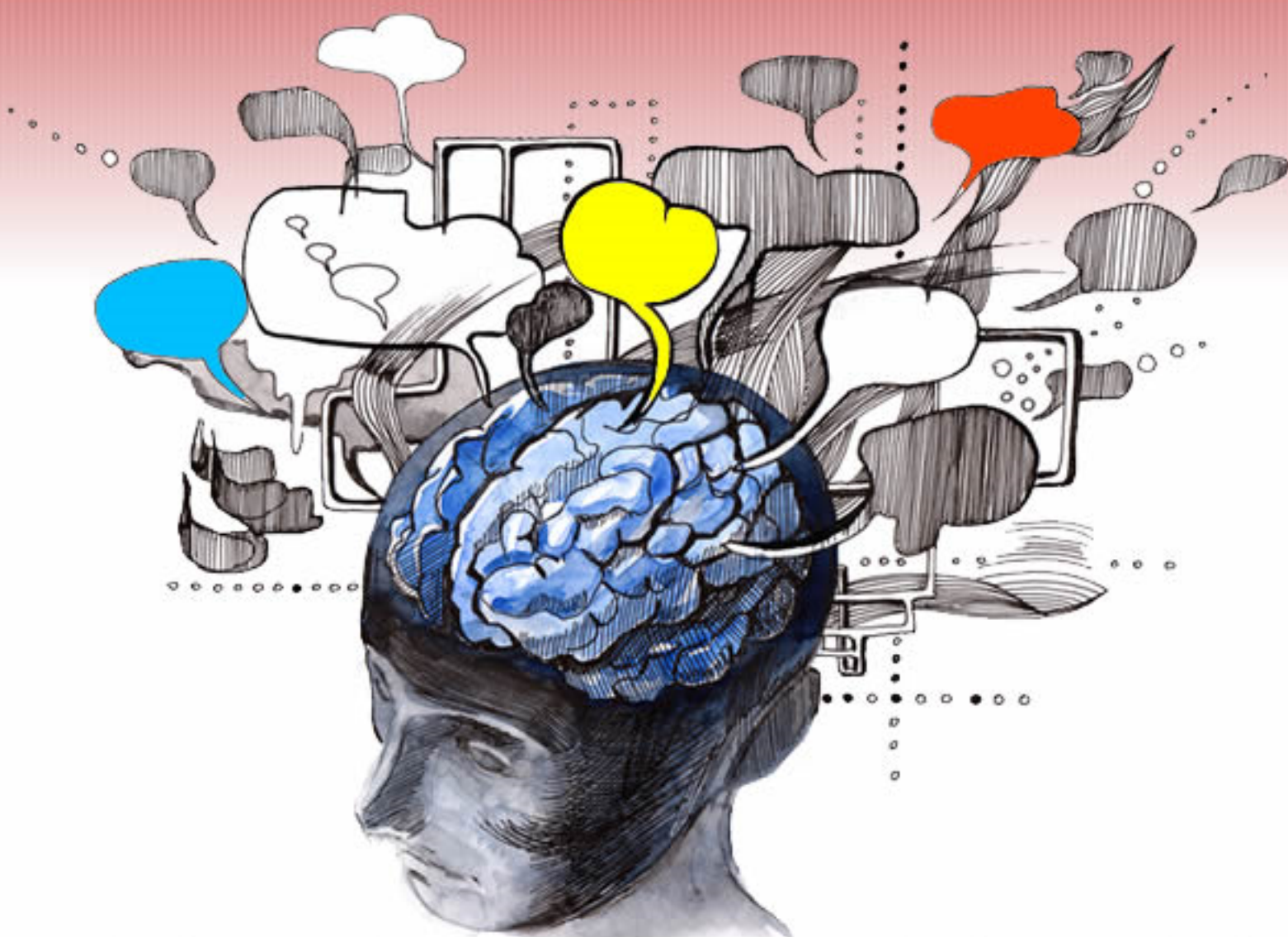


Temas Gerais em Psicologia

Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole
(Organizadoras)





TEMAS GERAIS EM PSICOLOGIA

**Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole
(Organizadoras)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

Profª Drª Ivone Goulart Lopes
Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez
Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Bogotá-Colombia

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

2017 by Bárbara Anzolin e Daniele da Silva Fébole

© Direitos de Publicação
ATENA EDITORA
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430
81.650-010, Curitiba, PR
contato@atenaeditora.com.br
www.atenaeditora.com.br

Revisão
Os autores

Edição de Arte
Geraldo Alves

Ilustração de Capa
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T278

Temas gerais em psicologia / Organizadoras Bárbara Anzolin,
Daniele da Silva Fébole. – Curitiba (PR): Atena, 2017.
212 p. ; 414 kbytes

ISBN: 978-85-93243-13-4
DOI: 10.22533/ed.at.243134
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Anzolin, Bárbara. II. Fébole, Daniele da Silva.
III. Título.

CDD-150

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-13-4



Apresentação

A proposta deste livro é desafiadora: reunir temas gerais em psicologia. Primeiro por desafiar o caminho historicamente traçado pela profissão que é hegemonicamente clínico, classificatório e avaliativo; segundo por localizar a psicologia em diversos contextos.

Os capítulos exploram múltiplas possibilidades de atuação da psicologia e constroem discussões sobre diferentes temáticas com referenciais teóricos distintos, compondo um cenário de pluralidade e provocação.

A primeira parte, denominada 'Psicologia e subjetividade', reúne textos que versam sobre o processo de construção das relações cotidianas e fenômenos que as atravessam, abrangendo temas como autonomia a respeito da própria vida; perdas coletivas e elaboração de luto; discursos sobre a adolescência; suicídio entre jovens e adolescentes; e relações familiares e rejeição materna e abuso sexual infantil. Os textos apresentam não apenas uma leitura psicológica sobre os fenômenos, mas também relatos de experiência e propostas de atuação profissional.

A seção intitulada 'Psicologia, gênero e sexualidade' nos convida a reflexão acerca das construções normativas de gênero e sexualidade que circunscrevem nossas possibilidades de vida. Ao problematizar a naturalização dessas normas, problematiza também teorias e métodos de trabalho psicológicos que são pautados, sobretudo, em um modelo de ciência sexista e heteronormativo.

A terceira parte, 'Psicologia: ciência e sociedade' traz leituras da ciência psicológica sobre alguns processos sociais como a produção da violência na sociedade capitalista; o uso de substâncias psicoativas e sua inter-relação com o contexto social; criminalidade e pobreza; e a institucionalidade do político, ou seja, olhar para o funcionamento político como uma instituição. Ademais há uma discussão sobre método e o distanciamento entre teorias.

Por fim, em 'Psicologia e formação' apreciamos trabalhos que discutem lacunas e possibilidades na formação em psicologia e de professores e professoras no Brasil e também a importância da representação discente nas reuniões de departamento.

Cada capítulo nos acena a um sobrevoo sobre uma temática ou experiência, instigando nossa curiosidade, de leitoras e leitores, para aprofundar conhecimentos. Este conjunto de possibilidades nos mostra a amplitude de atuações da psicologia e denuncia a necessidade e urgência de um comprometimento ético e político da nossa profissão com as mudanças sociais.

*Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole*

Sumário

Apresentação.....	04
-------------------	----

Parte 1 Psicologia e subjetividade

Capítulo I

Considerações iniciais sobre a autonomia decisória do idoso diante de seus tratamentos oncológicos

<i>Giovana Kreuz e Maria Helena Pereira Franco.....</i>	<i>08</i>
---	-----------

Capítulo II

27/01/2013 – Santa Maria, RS: relato de experiência sobre trabalho voluntário

<i>Maria Eduarda Freitas Moraes e Cezar Augusto Vieira Junior.....</i>	<i>16</i>
--	-----------

Capítulo III

Práticas discursivas em psicologia do desenvolvimento e a produção da adolescência

<i>Ana Priscilla Christiano.....</i>	<i>22</i>
--------------------------------------	-----------

Capítulo IV

Suicídio de jovens e adolescentes: o que o sentimento de despertencimento tem a ver com isso?

<i>Paulo Vitor Palma Navasconi e Lucia Cecilia da Silva.....</i>	<i>33</i>
--	-----------

Capítulo V

O fantasma da rejeição materna e seus impactos no desenvolvimento emocional: um estudo de caso

<i>Vivian Rafaella Prestes e Regina Perez Christofolli Abeche.....</i>	<i>47</i>
--	-----------

Capítulo VI

O abuso sexual infantil sob um olhar psicanalítico: desdobramentos em experiências traumáticas

<i>Émily Laiane Aguilár Albuquerque.....</i>	<i>65</i>
--	-----------

Parte 2 Psicologia, gênero e sexualidade

Capítulo VII

Os impactos da violência à identidade da mulher

Jainny Beatriz Silva Duarte, Wilsilene Pereira Gomes, Zelinda da Silva Nonato Reis e Simone Jörg.....	85
---	----

Capítulo VIII

O trabalho dos profissionais de psicologia no processo transexulizador: reflexões e possibilidades

Bárbara Anzolin.....93

Capítulo IX

Sexismo e homofobia: uma análise do discurso em músicas nacionais

Daniele da Silva Fébole.....100

Parte 3 Psicologia: ciência e sociedade

Capítulo X

Psicologia histórico-cultural e o debate acerca do abuso de substâncias psicoativas

Vanessa Beghetto de Oliveira Penteado e Giovana Ferracin Ferreira.....107

Capítulo XI

Razão dialética, violência e drogas: compreensões existencialistas

Sylvia Mara Pires de Freitas, Rose Ani Jaroszuk, André Henrique Scarafiz e Lucia Cecília da Silva.....114

Capítulo XII

A produção da violência na sociedade capitalista: apontamentos críticos acerca da relação entre violência estrutural, criminalidade e pobreza

Bárbara Anzolin, Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva Batista, Aline de Deus da Silva e Elisandra Cristina Dal Bosco.....157

Capítulo XIII

Análise institucional da gestão pública municipal: algumas formas e impasses do funcionamento de uma prefeitura

Marita Pereira Penariol e Silvio José Benelli.....165

Capítulo XIV

Método em psicologia: apontamentos sobre a apropriação construcionista de vigotski

Eduardo Moura da Costa e Silvana Calvo Tuleski.....175

Parte 4 Psicologia e formação

Capítulo XV

Relato de experiência, formação generalista e psicologia

Maria Eduarda Freitas Moraes e Cezar Augusto Vieira Junior.....182

Capítulo XVI

Resoluções e vivências acerca da representação discente

Cezar Augusto Vieira Junior e Maria Eduarda Freitas Moraes.....187

Capítulo XVII

Refletindo sobre alguns desafios à formação de professores no Brasil

Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho e Jair Izaias Kappann.....193

Sobre as organizadoras.....207

Sobre os autores.....208

Capítulo V

O FANTASMA DA REJEIÇÃO MATERNA E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: UM ESTUDO DE CASO

**Vivian Rafaella Prestes
Regina Perez Christofolli Abeche**

O FANTASMA DA REJEIÇÃO MATERNA E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL: UM ESTUDO DE CASO

Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições
Freud, 1933

Vivian Rafaella Prestes

Universidade Paranaense

Maringá – Paraná

Regina Perez Christofolli Abeche

Universidade Estadual de Maringá

Maringá - Paraná

RESUMO: O presente artigo analisa o caso de uma mulher que tem a marca da rejeição materna em seu psiquismo e, para isso, fundamenta-se na teoria psicanalítica para a compreensão de alguns aspectos. Ao expor a história de vida dela, encontraram-se elementos que auxiliaram no levantamento de hipóteses sobre a forma como se relaciona com o mundo. Percebe-se que, para a entrevistada, seu posicionamento diante da vida tem como característica alguns sentimentos e defesas decorrentes das dificuldades que encontrou na vinculação com sua mãe, situação, portanto, que teve grande impacto na construção de sua subjetividade. Assim, a maneira que se coloca para ser amada acaba repetindo os padrões internalizados de tal relacionamento.

PALAVRAS-CHAVE: estudo de caso; rejeição materna; relacionamento materno

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida entre 2013 a 2015 na Universidade Estadual de Maringá. Nesta ocasião, foi investigada a história de vida de duas mulheres sendo que uma delas, a qual tem o nome fictício Rosa, é o caso exposto neste trabalho. Dessa forma, objetiva-se analisar um caso a fim de correlacionar a pesquisa, a teoria psicanalítica e a prática clínica. O estudo de caso, então, tem por função servir como estratégia de pesquisa em que serão discutidos os processos subjetivos que circunscrevem as queixas e sintomas do indivíduo aqui examinado a fim de compreender a psicodinâmica e arranjos afetivos que Rosa contempla em sua vida.

O trabalho é fundamentado na proposta de Freud (1937/1996) sobre a construção de caso. De acordo com o autor, o propósito da construção em

análise é o de evitar uma mera explicação do fenômeno inconsciente por meio de interpretações isoladas. Ao invés disso, a construção exige a organização dos dados do paciente, ou seja, de todo material que ele oferece pelo seu discurso, sintomas e repetições para, então, apontar ao paciente os conflitos e conteúdos inconscientes. No caso de Rosa, foi possível, por meio da investigação da posição em que ela se coloca quando se relaciona afetivamente com os outros, atrelar sua história de vida com o seu sofrimento, compreendendo, então, sua psicodinâmica.

Além disso, a ideia de trabalhar com um estudo de caso vêm ao encontro da proposta da psicanálise que foi criada e é constantemente repensada a partir da prática, seja ela em consultório ou em qualquer instituição. É por intermédio da prática que se pode confirmar, refutar e/ou reformular a teoria. Ambas - teoria e prática – complementam-se e Safra (1993, p. 120) ratifica que

A articulação teórica sem referência à clínica corre o risco de aproximar-se das manifestações de pensamento delirante. A clínica sem a conceitualização teórica pode perder-se na indisciplina de uma prática onipotente e sem rigor metodológico.

A metodologia utilizada foi a pesquisa com o método psicanalítico que, segundo Figueiredo e Minerbo (2006), requer a presença do psicanalista em atividade analítica e, independentemente da pesquisa ter como campo de estudo a clínica ou algum fenômeno social, o objeto será sempre o inconsciente. Para acessar essa instância psíquica, atentou-se no discurso de Rosa, isto é, nas palavras utilizadas por ela, naquilo que era dito, não dito e mal-dito, as brincadeiras (chistes) e atos falhos. Isso auxiliou na integração das informações de sua história e no entendimento do seu funcionamento psíquico.

A pesquisa com o método psicanalítico suscita críticas particularmente daqueles que seguem o positivismo. Como salienta Silva (1993), para que o conhecimento produzido seja aceito como “verdade”, ainda que momentânea, requer que, ao ser reaplicado nas mesmas condições de antes, o resultado seja o mesmo obtido outrora, ou seja, o conhecimento precisa ser universal. Sob a ótica da psicanálise, como se sabe, reaplicar o conhecimento não garante ter o mesmo desfecho, pois cada indivíduo tem uma história singular marcada por suas peculiaridades. A autora sublinha que sujeito e objeto não estão separados. Textualmente encontra-se:

a relação S-O substitui-se assim pela relação S-S, ou seja, entre dois sujeitos, cada um com uma parte consciente comunicando-se “oficialmente” com o consciente do outro, e uma parte inconsciente de cada um utilizando-se de seu estilo peculiar de interação, que passa despercebido (SILVA, 1993, p. 17).

Trabalhar com essa metodologia não é sinônimo de ser anticientífico, ou mesmo de sermos guiado pela intuição, mas de adotarmos uma metodologia que venha ao encontro das especificidades dessa área do saber e,

consequentemente, desse objeto, o inconsciente. Por isso, ainda segundo a mesma autora, a ciência só se desenvolve quando abdicamos da procura pela Verdade, a qual ela escreve com letra maiúscula para representar o conhecimento absoluto. Silva (1993, P. 19) afirma: “Vemos assim que a neutralidade científica é um dos mais caros mitos da modernidade, e mesmo o conceito de verdade objetiva, universal e atemporal vai cedendo lugar à noção de construção assinada e datada [...]”. Ao se tratar de psicanálise, o próprio Freud (1923/1996) assevera que

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias (p. 264).

Quer dizer, a psicanálise não tem a pretensão de construir uma verdade inquestionável, já que conhecimento e a ciência estão em constante movimento, por isso, permanece constantemente inacabado.

Ainda sobre a metodologia, especificamente as entrevistas realizadas com Rosa, seguiu-se da seguinte forma: após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e a explicação da pesquisa, foi feita uma pergunta disparadora a ela, a saber: conte-me sobre a sua história. A entrevistada foi orientada a falar por associação livre, isto é, a falar tudo o que lhe viesse à mente, sem se preocupar com julgamentos. Freud (1923/1996) faz uma nota específica sobre a associação livre e nela descreve que tal regra conduz o sintoma ao pensamento e lembrança a ele relacionado, isto é, percorre um caminho inverso até chegar ao conteúdo inconsciente. O autor explica que o encadeamento dos pensamentos não é algo mecânico, mas segue certa “atração” entre os elementos associados.

2. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O CASO

O caso diz respeito a uma mulher de cinquenta e um anos a qual pelo nome fictício Rosa. Ela tem cinco filhos, sendo um menino e quatro meninas. Na época da entrevista, em 2014, vivia com o marido e duas enteadas. Quando Rosa completou quinze dias de vida foi adotada pelos padrinhos que eram vizinhos de sua mãe biológica. Os pais adotivos, na ocasião da adoção, já tinham um casal de filhos mais velhos que Rosa. A família adotiva era, nas palavras dela, muito *pobrezinha*, por isso, desde os oito anos de idade, ela trabalhava cuidando de outra criança. Seu registro de nascimento manteve o nome da mãe biológica, já o pai biológico, segundo informações que recebeu, era casado e por isso não constava seu nome no documento. Na certidão de nascimento de Rosa consta

o nome de um homem como seu genitor, mas ela diz que o desconhece, pois, aos sete anos de idade, conheceu outra pessoa que se apresentou a ela como pai. Sobre essa situação, Rosa comenta: *“você viu que confusão? Então é coisa assim, muito confusa pra sua cabeça, é coisa que eu nunca nem tentei entender”*.

Ao ser questionada sobre como sabia, aos três anos, que a mãe biológica era sua mãe, Rosa responde: *“minha madrinha [que é sua mãe adotiva] ela sempre me falou que ela era minha mãe e minha mãe adotiva sempre me levava onde ela [mãe biológica] morava pra mim ver ela, mas ela não fazia conta de me ver. A minha madrinha levava porque achava que ela tinha que me levar”*. Isso nos leva a pensar que essas duas pessoas diferentes representam a mesma figura no inconsciente. Freud denominou esse mecanismo de condensação, um dos modos de funcionamento do inconsciente. Neste caso, as duas pessoas – mãe adotiva e mãe biológica – têm um ponto em comum – são mães de Rosa – e está analogia entre as duas personagens pode ser o motivo de a entrevistada referir-se a uma e a outra sem distinção.

3. A MARCA DA REJEIÇÃO MATERNA

Rosa, ao longo das entrevistas, repete a história do impacto que sentiu ao ser abandonada. Diz: *“minha mãe não me quis”* e que tal abandono ficou gravado em sua memória. Freud (1905/1996) afirma que o indivíduo escolherá o objeto de amor baseado nas experiências edípicas. Nas palavras do autor: “[...] a criança aprende a **amar** outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele” (p. 210, grifo do autor). Freud (1915/2004) afirma que o objeto da pulsão, a qual busca satisfação, não é qualquer um, mas tem características peculiares demarcadas pela história infantil. Isto é, o inconsciente é seletivo na escolha do parceiro amoroso.

A entrevistada tem três irmãs mais velhas as quais foram cuidadas pela avó materna. Relata: *“as três mais velhas, acima de mim, foi a minha vó que criou”*. Sublinha-se a expressão “acima de mim” por revelar o seguinte raciocínio: quem está acima assume, geralmente, uma posição superior, isto é, uma situação mais elevada. Portanto, Rosa se sente “abaixo”, identificando-se como inferior quando comparada às irmãs, já que estas puderam ser criadas por um parente próximo, a avó, enquanto a entrevistada foi doada para um casal de vizinhos.

Ainda sobre a mãe biológica, conta que: *“ela sempre frisou, assim, que ela não gostava de mim porque eu sou preta, porque as minhas irmãs são tudo branquinha que nem você... minha mãe biológica sempre frisou isso, ‘eu não gosto daquela nega’. E ela é da minha cor... das filhas todas a que se parece com ela sou eu”*. Novamente, é notada a rejeição sentida por Rosa, visto que ela acredita que suas irmãs “sobem um degrau acima” dela por serem brancas. Há

um preconceito desvelado pela mãe biológica, o qual soma, uma vez mais, com a posição ínfima e de menos valia em que Rosa se posiciona. Além disso, é importante observar a comparação feita por Rosa entre ela e sua mãe, já que, de todas as filhas, é ela quem se parece com a genitora. Os irmãos biológicos reconhecem a semelhança e comentam com a mãe: *“a única filha que se parece com você é ela, acho que é porque você não gosta dela”*. Rosa é parecida com a mãe, entretanto, em quais aspectos? A semelhança anunciada pela entrevistada não se reduz à aparência física ou à cor da pele. Se inverter a ordem da frase proferida por Rosa, ainda que ela remeta ao discurso dos irmãos, o que não exclui seu próprio raciocínio, nota-se o seguinte: por você (mãe biológica) não gostar dela (Rosa) é que ela se parece com você. Logo, a entrevistada se identifica com a genitora pela característica do “não gostar”. Essa hipótese será confirmada mais adiante.

Ao continuar com a narrativa, Rosa lembra que aos três anos de idade, sua mãe *legítima*, como ela a chama, foi embora para outra cidade. Quatro anos depois a mãe *legítima* retorna a passeio, mas para rever os pais adotivos de Rosa, e não ela, conforme sua interpretação. Depois disso, voltou a ver a mãe biológica quando tinha dezesseis anos. Descreve que, nessa idade, a mãe quis levá-la embora, porém, ela não aceitou porque estava se sentindo rebelde. Em associação, diz que *“eu nunca me senti amada”*, isto é, o comportamento qualificado como *rebelde* era a consequência de não se sentir amada. Rosa relata: *“se seu pai e sua mãe não quis você, por que que os outros ia te amar, se quem deveria te amar, não te amou?”* Mesmo quando recebe carinho das pessoas, *“você acha que não é um carinho sincero, não é um amor sincero... mesmo que o amor seja sincero, a gente não sente isso... isso aí você leva pro resto da vida”*. Percebe-se que, inicialmente, Rosa se sente rejeitada e indesejada, e, depois, compreende tais sentimentos como sinônimos de não ser amada. Ao constatar isso, questiona o que esperar das pessoas, pois acredita que o fato de não ter sido amada por quem deveria amá-la – os pais biológicos – estabelece a condição de não ser amada por mais ninguém, como expressa na frase *“por que que os outros ia te amar?”*. A fantasia que sustenta esse pensamento parece ser: não fui amada porque não tenho valor. Em outras palavras, agregando as ideias anteriores, pode ser que Rosa encontre a justificação do abandono e desamor em seu sentimento de inferioridade.

Freud (1933/1996), na conferência sobre a feminilidade, verifica ser comum a menina recriar a mãe por não tê-la amado o suficiente, ainda que tal informação não tenha respaldo na realidade, pois a demanda de amor da criança é insaciável, ou, nas palavras do autor, *“As exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilha”* (p. 123). Rosa, contudo, tenta legitimar tal teoria no abandono real da mãe. O mesmo autor, na conferência *Ansiedade e vida instintual* (1933/1996), pontua que *“Se uma mãe está ausente ou retirou seu amor de seu filho, este não tem mais certeza de que suas necessidades serão satisfeitas e talvez seja exposto aos mais angustiantes sentimentos de tensão”* (p. 91). Mais adiante, reparar-se-á

que fará parte da subjetividade de Rosa a incerteza de perder o objeto que supõe ser amada.

Rosa, à época da entrevista, disse que se reencontrou com a mãe biológica na casa de um conhecido da família. Conta que, quando ela chegou, *“fui pro lado dela, cumprimentar ela... você sabe, assim, quando você vai cumprimentar a pessoa e a pessoa sai de lado, assim, faz de conta que nem te viu... aí eu comecei a chorar”*. E depois diz que *“é muito dolorido, mesmo eu não gostando dela, não tendo amor de mãe... de filha por ela, é muito dolorido. Você imaginar, assim, que a pessoa que era pra ter te amado te rejeitou e te rejeita até hoje”*. Sinaliza-se o ato falho cometido por ela: “mesmo não tendo amor de mãe...” em seguida corrige para “amor de filha”. Como Freud (1901/1996) aponta, o ato falho é uma via de expressão do inconsciente. O que se evidencia na fala da entrevistada é a afirmação de que ela não tem amor de mãe. Vale lembrar que ela tem cinco filhos. Este conteúdo, a princípio inconsciente, foi confessado na última entrevista. Dedicamos um item, “a mãe que tive e a mãe que sou”, para demonstrar o significado dele.

Sobre os pais adotivos, Rosa diz: *“eu me sentia amada, principalmente pela minha mãe, meu pai era mais seco, mas minha mãe, nossa, me defendia de tudo e de todos. Ela foi uma mãezona, aí quando a minha irmã casou, eu tinha sete anos, aí foi que ela me deixou um pouco de lado... porque como a outra era filha única dela, então, minha irmã casou e foi embora pro Mato Grosso, daí ela ia visitar minha irmã e me deixava com a minha cunhada, meu irmão, meu pai, e ela ia pro Mato Grosso”*. Entendemos com essa frase que a entrevistada se sentiu amada pela mãe “até que” a irmã se casou, ocasião que demandou a ida da mãe para o estado em que a filha residia. Na ausência da mãe adotiva, Rosa comenta: *“eu sentia saudade da minha mãe. Eu chorava muito, muito, muito, porque eu tinha muita saudade dela. Daí foi indo, foi indo, até que eu acostumei”*. Até que se acostumou a que? Podemos supor a continuação “acostumei a ser abandonada”, ou, ainda, “acostumei em não ser amada”, já que os eventos se repetiam – o abandono da mãe biológica e o abandono da mãe adotiva toda vez que ela viajava e passava algumas semanas longe. Em outro momento, Rosa comenta que, sobre os pais adotivos, *“eu não tenho o que dizer, eu acho que fui amada, eu acho que fui amada...”*, isto é, ela supõe que foi amada, mas permanece a incerteza.

Percebe-se que o marido de Rosa carrega traços semelhantes aos de seu pai adotivo, como, por exemplo, ambos terem o hábito de ingerir bebidas alcoólicas. Todavia, seu companheiro também manifesta características parecidas com a da mãe de Rosa, notadas como quando ela se refere à mãe adotiva como “*pobrezinha*” e usa o mesmo adjetivo para descrever quando conheceu o atual marido. Além disso, vimos que a entrevistada diz que quem deveria amá-la – pais biológicos – não a amou, então, por que outras pessoas a amaria? Repete uma frase muito semelhante ao falar do marido: *“o seu marido que tinha que te amar, que tinha que gostar de você, ficar tratando como se você fosse vagabunda”*, ou seja, o marido que deveria amá-la, não demonstra. Diante

disso, percebemos que Rosa está mais fixada em um período pré-edípico que edípico. Em *Sexualidade feminina*, Freud (1931/1996) comenta que há muitas mulheres as quais se fixam na ligação original à mãe e nunca atingem a mudança de objeto para o sexo masculino.

O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] o relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele [...] (p. 239).

O relacionamento de Rosa com sua mãe foi marcado por constantes rejeições, sentidas por ela até os dias de hoje. Em suas palavras: *“é muita coisa que eu guardo na minha memória, eu não sei por que, mas é muita coisa que ficou armazenado do meu passado”*. Os traços desse vínculo estão inscritos em seu inconsciente que a faz repetir vivências nas quais ela se sente desvalorizada e desqualificada, como se ela estivesse tentando (com)provar a si mesma que, se sua mãe não a quis, é porque ela não é boa e, talvez, merecesse ser abandonada. Rosa faz o movimento em que quer ser amada, corroborando com o que Freud (1933/1996) revela ao dizer que a mulher tem mais necessidade em sentir-se amada que em amar, porém, por não ter tido essa experiência original – ser amada pela mãe – acaba fazendo escolhas que repetem esse vínculo primordial.

Rosa permanece na eterna demanda de se sentir amada e valorizada. Tenta encontrar o amor o qual acredita não ter recebido de sua mãe e tal posição a mantém em extremo sofrimento, pois o amor do outro nunca será o amor que ela procura, ou, de modo específico, o amor do outro nunca será o suficiente ou o adequado. Por isso, diz que não consegue amar o outro, quem quer que seja, bem como não consegue amar a si mesma. Supõe-se que ela não consegue afastar-se do marido porque, ao se imaginar sozinha (medo anunciado por ela), teria que se deparar com o desamparo. Para permanecer viva, o arranjo que Rosa encontrou foi pela via do sofrimento. Sua lógica é construída com base no pretérito que não se afasta do presente. Pode ser resumida em: quanto mais eu sofro, mais posso ser amada, logo, existo. Nesse caso, há uma aliança clara entre Eros – ser amada – e Tânatos – sofrer.

4. OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS

Aos dezessete anos, Rosa conhece um homem e engravida. A notícia não foi bem recebida pelo pai dela, que a expulsou de casa. Ela foi acolhida por uma família de amigos. O pai da criança *“sumiu”*, e ela cria o filho Antônio sozinha. Quando ele completa nove meses de vida, Rosa se envolve com outro homem e engravida novamente e, dessa vez, foi a mãe adotiva que não a aceitou. Ela relata: *“dessa vez minha mãe me mandou embora”*. Diz: *“como se um fosse*

pouco né, eu arrumei mais um filho". Comenta que entrou em "*pânico*" e "*eu não queria ter a menina*". Corrige que, quando não quis levar adiante a gravidez, ainda não sabia o sexo da criança, no entanto, a primeira informação revelada deve ser considerada por se tratar de uma associação livre, portanto, um conteúdo inconsciente que evidencia um traço de dificuldade com o sexo feminino. Rosa conta sobre a tentativa de abortar a filha, "*aí depois vem aquela culpa né*". "Aquela" é um pronome demonstrativo, isto é, refere-se a uma culpa específica, uma culpa por existir, ideia desenvolvida mais adiante. O pai da criança, chamado pelo nome fictício de Tom, era casado, mas disse que cuidaria da filha se Rosa não a quisesse.

Durante a gestação, trabalhou na casa de uma professora cuidando de suas filhas e da casa. Por conta do trabalho, o filho Antônio foi morar com uma mulher a qual recebia uma quantia de dinheiro de Rosa para cuidar dele. A senhora para quem Rosa trabalhava sugeriu que, se ela quisesse, conhecia um casal disposto a adotar a criança que ela estava esperando. Ao lembrar-se do dia em que a filha nasceu, diz não recordar se o Brasil ganhou ou perdeu a Copa, ou seja, não sabe se foi um dia feliz ou triste, sinalizando a ambiguidade do sentimento para com a criança. Quando o bebê completou dezesseis dias, Rosa a entregou para a mesma mulher que cuidava do seu filho e diz: "*e daí eu não quis dar a menina... a mesma coisa que minha mãe fez comigo? Eu não vou fazer com ela*". Contudo, fez. A idade que a criança constava (dezesseis dias) é muito próxima à idade que Rosa foi adotada (quinze dias). A entrevistada tenta acreditar que não repetiu com a filha a história que ela passou com a mãe biológica, porém, ainda que mantivesse contato com a menina, Rosa entregou para que outra mulher fosse responsável pelos cuidados maternos. Comenta que essa filha "*até hoje*" tem problema de rejeição "*também*". "Também", neste caso, é um advérbio que indica uma comparação, há uma equivalência entre a filha e a entrevistada. Pode-se reformular a frase de Rosa da seguinte maneira: "Minha filha, assim como eu, tem problema de rejeição", mais especificamente, rejeição materna.

Quando sua filha completou um ano de idade, a entrevistada diz: "*eu achava que precisava de alguém*" para ter uma casa e criar seus filhos, demonstrando que não se sentia capaz de realizar tal tarefa sozinha, talvez por não se sentir "boa" sozinha, pois Rosa pensa que uma mulher "sozinha", ou seja, solteira, é desvalorizada, principalmente quando tem filhos. Foi então que conheceu (procurou?) outro homem que, em suas palavras, gostava dela e disse que a ajudaria a cuidar dos filhos. Decidiram morar juntos e logo se casaram, mesmo com a família dele não a aceitando com o argumento de que era mãe solteira. Conta que, antigamente, as pessoas classificavam uma mulher nessas condições de "*biscate e prostituta*", "*como se você fosse vagabunda que não valesse nada. Mesmo que trabalhasse e cuidasse dos filhos, você não tinha valor*". A mulher, ainda que cumprisse com os cuidados dos filhos e tivesse um ofício, era julgada de biscate, prostituta e vagabunda porque não tinha um homem, isto é, para Rosa, a mulher solteira, nessas condições – ser mãe –, era

depreciada socialmente independente de suas qualidades. Ainda que essa informação tenha sustentação na realidade objetiva, importa, para a psicanálise, a identificação do sujeito com o discurso, ideias e valores sociais.

Sobre o relacionamento do casal, a entrevistada diz que o marido era ciumento e a proibia de sair de casa. Quando ele chegava do trabalho, era comum agredi-la fisicamente. Conta que *“ele era uma pessoa boa no começo (...) depois de oito meses ele começou a me bater. Eu apanhava sem saber o porquê eu tava apanhando”*. Após algum tempo apanhando, Rosa passou a desmaiar quando ele se aproximava para bater. Um sair de cena, como se fosse uma tentativa de fugir da realidade para não ter que pensar nem agir nessa situação, quer dizer, é um recurso encontrado para não ter nenhuma atitude quando ela apanhava, garantindo a manutenção do vínculo violento, mas também dando um basta nas agressões, já que o marido parava de bater. Tal situação fazia o marido levá-la ao hospital, foi quando o médico questionou o motivo da crise recorrente, mas Rosa nada dizia: *“eu ficava calada. Eu tinha medo de falar”*.

Uma das vezes que a entrevistada foi ao hospital, o médico, preocupado, insistiu para que ela contasse o que havia acontecido, caso contrário, ela poderia morrer. A ameaça de morte foi recebida com bastante impacto ao ponto que, ao sair do hospital, ocorre a seguinte situação: o marido reclamou de algumas roupas que não haviam sido lavadas ao passo que Rosa responde: *“se você quiser, você vai e lava”*. Ela acreditou que, caso não falasse ou não tivesse alguma atitude frente às agressões que lhe eram direcionadas, o que nos faz pensar que a atuação ao responder o marido *“se você quiser, você vai e lava”* foi uma expressão de vida. A reação do marido foi explosiva, como era de se esperar, haja vista o padrão de comportamento dele, e bateu em todas as partes do corpo da esposa. Houve um movimento a favor da vida, quando ela enfrenta o marido, ainda que numa atuação, no entanto, talvez Rosa esperasse que ele interpretaria sua frase como uma “afronta” e, possivelmente, repetiria o comportamento agressivo. Eros e Tânatos compondo um mesmo ato. Após a surra, a entrevistada, então, ingeriu uma cartela de remédios para dormir, fato que a fez adormecer por bastante tempo – novamente sai de cena, como no desmaio –, até que um dia, sob efeito do medicamento, ouviu o marido falar para o pai dele: *“mas você me fez judiar tanto dela pra você me pedir a casa?”*. Rosa confessa acreditar que seu marido a espancava porque os pais dele queriam que ela fosse embora da casa que moravam, uma vez que pertencia ao sogro.

Certo dia, ainda machucada, a sobrinha da entrevistada foi visitá-la e informou aos pais adotivos de Rosa sobre seu estado, *“mas ninguém foi lá, ninguém foi lá saber o que tinha acontecido”*. Tempos depois, a entrevistada foi levar os filhos para serem vacinados e decidiu pedir ajuda ao pai, porém, ele disse: *“não tem como eu te ajudar”*, já que ele morava de favor na casa do filho. Novamente, sente-se desamparada e como a família não podia apoiá-la, *“falei, vou fazer o que... e daí ninguém podia me ajudar, que que eu ia fazer?”*, continua: *“não tinha o que eu fazer, eu aguntei onze anos... apanhando”*. Rosa busca no

pai um olhar que reconhecesse seu sofrimento e a ajudasse a sair de tal situação, porém, ele demonstra estar impotente para qualquer auxílio, deixando a entrevistada sem recursos para pensar na mudança, pois, como evidenciado em sua fala, “não tinha o que fazer, eu aguentei onze anos...”. Mas, a mãe morava na mesma casa que o pai, apesar de estarem em cômodos diferentes, por que não endereçou tal pedido a ela? Uma hipótese pode ser que Rosa faz o movimento de se afastar da mãe, acreditando que a capacidade de oferecer a solução para o problema deveria vir do pai. Sobre a relação entre os pais adotivos, eles dormiam em quartos separados desde quando a adotaram. Rosa os descreve como um casal sem desejos um pelo outro, já que nunca presenciou uma cena de carinho entre eles. A decisão de não dormirem juntos foi baseada na traição do pai que se envolveu com uma vizinha.

Durante os onze anos de casamento, Rosa teve três filhas com o marido. Por motivos de trabalho, o casal se mudou para Mato Grosso, onde ela continuou apanhando: “*quando era a primeira filha minha, eu apanhei até os oito meses... ele me batia sem motivo, eu apanhava sem sabe o porquê eu tava apanhando*”. Diante das recorrentes brigas e agressões, tentou o suicídio ao tomar veneno para matar insetos. Isso ocorreu “*quando eu tava grávida da minha primeira filha*”. Nota-se, por duas vezes, o ato falho da entrevistada quando considera essa gravidez sendo a espera da primeira filha – ela não diz que é a primeira filha com esse marido –, evidenciando a dificuldade em reconhecer a primeira filha, aquela que foi rejeitada desde a notícia da gravidez. Reforça a ideia de dificuldade em lidar com o sexo feminino, pois Rosa, ao tentar o suicídio, ensaia o infanticídio. Ao se matar, estaria matando a criança também. Depois de pouco tempo, engravidou da segunda filha. Passados três meses que a criança nasceu, a entrevistada engravidou de novo, mas, antes de completar a gestação, ela volta ao Paraná e o marido a acompanha dois meses depois.

Certo dia, quando Rosa voltava para sua casa com os filhos, avistou uma fumaça. Falou para o filho Antônio: “*a vó deve ta queimando lixo*” e em seguida desconfia que era a sua casa que pegava fogo. Narra que perdeu tudo, “*televisão, fogão... parece que colocaram gasolina*”. Após alguns anos, a sogra pediu perdão e confessa ter ateado fogo na casa. A entrevistada respondeu a ela da seguinte forma: “*eu tenho mais é que agradecer a senhora ter pohnado fogo na minha casa*”, já que este fato, segundo a sua interpretação, foi o responsável por tê-la feito conquistar outra casa, como será exposto adiante.

Por não terem onde morar naquele momento, a sogra mata algumas galinhas e disponibiliza o galinheiro para Rosa e o marido residirem. Paralelamente, ela pede ajuda a um pastor que, coincidentemente, tem uma nora que conhecida a entrevistada, a qual diz, nas palavras de Rosa: “*olha pastor, ela é uma menina muito sofrida desde criança. A gente estudou junto, era muito humilde na escola... Muito carente e teve uma série de problemas e casou pra ver se mudava de vida, mas continuou sofrendo*”. O casamento, então, tinha como pretensão uma mudança, pois não se pode ignorar o fato de que essa fala, ainda que esteja representando um terceiro, veio da entrevistada.

Então, a igreja se mobiliza e compra um terreno, escolhido por Rosa, para executar a edificação de sua casa, com a ajuda do pastor. Sobre o pastor, ela diz: *“o pastor foi um pai... tudo o que eu sou hoje eu devo a ele e a esposa dele”*. Pai, para ela, tem o significado de ser aquele que ajuda, que oferece as coisas, diferente do pai adotivo que não pôde ampará-la quando ela pediu auxílio. Rosa elegeu o pastor como pai, mas, como veremos adiante, rejeitou o bom pai quando não se apropriou da casa que ele concedeu, talvez por não se sentir merecedora, devido ao sentimento inconsciente de culpa.

Após uma briga com o marido, que resultou em agressões físicas por parte dele, ela decide se mudar para a casa em construção, mas quase finalizada, faltava apenas a instalação elétrica. Porém, ao avisá-lo sobre seu propósito, acaba convidando-o para ir com ela. Fala: *“eu to mudando, se quiser vir, você vem, se não quiser, você fica com a sua mãe”*. Rosa o intima: ou eu, ou sua mãe. Seu esposo, então, resolve morar com ela na casa cedida pela igreja. Todavia, ele *“continuava me batendo do mesmo jeito”*. Muitas vezes, depois das agressões, o pastor conversava com ele, que ia embora para a casa da mãe, mas logo após retornava à casa de Rosa, que o aceitava. Não só aceitava-o, como dizia que, apesar da casa não ser dele – já que a residência estava no nome do pastor, mas com usufruto para a entrevistada – ele ficava lá *“se ele quisesse”*. O desejo dela parece ser o desejo dele, isto é, Rosa assentia e autorizava à permanência do marido na casa, sabia que ele *“queria”* ficar lá, pois, caso contrário, teve oportunidades para voltar a morar com a mãe. Relata: *“eu não dependia mais dele pra morar em lugar nenhum”*, mas dependia dele para morar em algum lugar, ou seja, parece que necessitava da presença dele (ou de algum outro homem) para conseguir ter uma família e uma casa.

Ao questionar o porquê Rosa o aceitava de volta, ela responde que, *“no fundo eu tinha dó dele também... Uma mulher sozinha não tinha valor”*. Tinha dó dele, assim como tinha dó dela mesma, pois, como veremos adiante, ela se identifica com o marido no desamparo. Apesar de dizer estar cansada por ser chamada de biscate e vagabunda, ela não queria ficar só, como relata: *“e daí eu tinha medo de ficar sozinha de novo”*. De novo, uma repetição que a deixa com medo, pois já experimentou o estar só quando a mãe a abandona, quando o pai do primeiro filho foge e, por fim, quando o pai da primeira filha não a assume por ser casado. A entrevistada continua: *“eu falo pra você, hoje eu não dependo de ninguém pra viver e eu tenho medo de ficar sozinha”*. Rosa afirma que não depende de ninguém no quesito financeiro, pois consegue viver com seus esforços, mas o medo da solidão e de não ter valor (uma mulher sozinha não tinha valor) aponta que ela depende de alguém para sobreviver emocionalmente.

Passados alguns meses, o marido vai trabalhar no garimpo e Rosa sofre um acidente que a deixa com as mãos e o rosto queimado, fato que a deixou impossibilitada de continuar trabalhando, já que fazia serviços domésticos na casa de algumas pessoas. Neste momento, descreve que passou necessidades: *“aí eu comecei a praticamente me humilhar pras pessoas me dar trabalho”*. Seu marido não a ajudava financeiramente há algum tempo, então, liga para ele que

diz: “*se vira, você já é mulher suficiente pra dar conta do recado*”. Identifica esse dia como o que deixou de gostar dele, quer dizer, quando ele a coloca, uma vez mais, em uma situação de abandono. Deixa de gostar quando o marido aponta que ela não precisa dele, porque, na verdade, ele é quem não precisa dela. Diante disso, a primeira decisão de Rosa é ir a um baile. Lá, ela reencontrou o pai da primeira filha, Tom, e sentiu “*reacender o sentimento*”.

Com vergonha de pedir ajuda financeira a Tom, e necessitando de dinheiro para suas necessidades básicas, bem como a de seus filhos, a entrevistada conta no terceiro encontro que, quando o marido mandou ela se virar, por ser mulher suficiente, ela conheceu uma senhora que a chamou para ir a uma casa de prostituição para conseguir algum dinheiro: “*falei, então vamo. Mais perdida do que eu já tava, aí eu fui*”. De acordo com as informações expostas, é possível pensar que ela se sentiu perdida por estar sozinha. Foi ratificar seu (des)valor vivendo em um prostíbulo. Todavia, seu primeiro cliente percebeu sua inexperiência e desamparo, orientou-a a ir embora de lá e ofereceu dinheiro para impulsioná-la a tal decisão. Depois disso, disse que nunca mais voltou para essa profissão e agradeceu por ter aparecido um “anjo” que interditou aquela incursão.

Por que a escolha em ser prostituta? Essa questão renderia um estudo à parte devido a sua complexidade. Alguns dados da vida de Rosa, no entanto, permitem supor que a escolha pela prostituição, ainda que não tenha se realizado concretamente, denota uma repetição, mesmo que inconsciente, do que foi sua mãe biológica. Em uma das entrevistas, Rosa conta que seu irmão “*de sangue*” gostaria de saber quem era seu pai, entretanto, tal informação lhe era inacessível, pois a mãe biológica (mãe de Rosa, portanto) também não sabia quem era. Lembremos que a entrevistada conheceu um homem que se apresentou como seu pai biológico, mas no seu registro de nascimento constava um nome que ela nunca soube de quem era. Parece que a única informação que tinha certeza era a de que seu pai foi casado enquanto se envolvia com sua mãe. Tais informações sugerem que a mãe foi mulher de vários homens, evidenciando uma identificação de Rosa com essa mãe da qual ela luta para se esquivar, mas repete alguns comportamentos. Assemelha-se à mãe também no fato de ter vários filhos com diversos homens, evidenciando uma repetição.

Rosa se relacionou com Tom por dois anos, ele estava casado durante esse tempo e não podia assumi-la, apesar dela nunca ter manifestado esse desejo durante as entrevistas. Novamente, parece que a entrevistada repetia a história de sua mãe e se contentava em ser a “outra”. Não há dúvida do teor edípico nessa situação, já que, ao se relacionar com um homem casado, pode representar o desejo da filha em ser a “namorada” do pai, desejo característico do complexo de Édipo. Supomos que, além disso, a relação também tinha um caráter maternal. Ela define o vínculo entre eles da seguinte forma: “*ele era meu amante, era meu amigo, era uma pessoa especial mesmo. Era bem diferente do outro [marido], não tinha nada a ver, me ajudava muito também [financeiramente]. Nunca brigamos, a gente era muito amante, amigo, nunca*

brigamos". Uma pessoa que lhe ouvia, orientava e ajudava financeiramente. Esta situação vai ao encontro da afirmação de Freud (1917/2013): "*A mulher só reencontra sua sensibilidade amorosa numa relação interdita, que deve ser mantida em segredo [...]*" (p. 379).

Quando o ex-marido voltou do garimpo, ele assinou o desquite e "*a primeira coisa que ele fez foi ir pra zona, tirou uma mulher da zona e depois de um tempo ela teve um filho*". Divorciada, ela continuou se envolvendo com Tom, até que a esposa dele engravidou. "*Eu falei pra ele que se fosse de uma menina, eu deixava ele... eu tinha ciúmes, eu não queria que fosse uma menina*". Quando descobriu que ele seria pai de uma menina, como prometido, ela termina o relacionamento.

Pouco tempo depois conheceu seu atual marido quando começou a passar em frente à casa dele. Ele tinha duas filhas e, segundo Rosa, "*ele queria uma pessoa pra ajudar ele a cuidar das filhas, é o que eu entendo até hoje*". A entrevistada parece localizar no outro um desejo seu, haja vista, de acordo com o exposto até aqui, ela ter se relacionado com o ex-marido por querer alguém que a ajudasse a cuidar dos seus filhos. Diz que ele era bem "*pobrezinho*" e que, no início, não gostava dele, mas, com o tempo, passou a ter afeição devido à convivência que mantinham. Certa ocasião, o atual marido, sabendo do envolvimento que Rosa teve com Tom, chegou a brigar com ele por ciúmes. Ela fala: "*foi uma briga feia entre os dois maridos*". Dois maridos, relação poligâmica. Descreve o esposo da seguinte maneira: "*antes de eu conhecer meu marido, ele era pobre, pobre, pobre... você tinha pena até de olhar pra ele, de tão pobrezinho que ele era... a casa tinha rato, era suja... ele não tinha calçado, roupa, nada, nada. Quando ele veio pra minha casa eu joguei todas as roupas dele fora, fui na loja e comprei tudo novo... vamos dizer que eu fiz de cachorro, gente. Eu mudei a vida dele*". Por cinco anos relata que foi muito feliz, chegou a desconfiar de tal situação e falou para sua irmã: "*acho que a felicidade que é boa demais, dura pouco*", expressando seu desejo, afinal, a felicidade era uma condição estranha, por ser pouco experimentada. Até que descobriu estar sendo traída: "*aquilo ali me feriu de morte*". Rosa identifica que a traição do outro lhe fere de tal forma que se assemelha à morte. O marido desejou outra mulher, provavelmente reavivando o sentimento de ser rejeitada, marca tão singular ao longo da história da entrevistada. Eles brigaram, houve agressões físicas e Rosa teve que ir ao hospital. Lá, as enfermeiras chamaram policiais os quais a fizeram se sentir humilhada: "*eu acho que se eu fosse uma prostituta, que seu eu morasse numa casa de prostituição, eu não merecia aquele tratamento*". Tom ficou sabendo do ocorrido e ofereceu ajuda a Rosa. Comprou-lhe uma passagem de ônibus para outra cidade esperando que ela se mudasse e recomeçasse a vida. Ela fala: "*eu tinha vergonha de sair na rua com a cara toda machucada. Já tinha apanhado tantos anos do outro, agora arruma outro pra apanhar de novo?*". Há a compulsão à repetição, expressão da pulsão de morte, reconhecida pela entrevistada.

Poucos dias depois dela estar na nova cidade, seu marido descobriu o local que residia e foi atrás. Reatam o relacionamento e Rosa fala: *“não sei se aceitei [o marido] porque eu gostava, não sei se porque eu tava com dó das meninas [filhas dele], porque hoje eu acho que eu tinha mais dó das meninas do que dele... eu tinha dó porque a mãe delas abandonou...”*. Uma vez mais a entrevistada se identifica com a situação vivida pelo outro, no caso, suas enteadas, pois, como elas, Rosa também foi abandonada pela mãe. Relata que, até aquele momento, as brigas e humilhações entre o casal continuavam: *“hoje ele é muito ruim pra mim, muito egoísta... ele me humilha, diz ‘eu tenho nojo de olhar pra sua cara, tenho raiva de você, tenho vergonha de sair com você’”*.

Sobre a vida sexual do casal, Rosa conta: *“ele me procura, eu falo assim, você quer? Você usa, só que você não me peça nada em troca porque eu não tenho mais sentimento nenhum”* repete a mesma ideia em outro momento ao falar de quando o marido a procura: *“você quer? Então você usa”*. Reclama que marido a trata como prostituta, chamando-a de biscate e vagabunda durante o ato sexual. Mas, afinal, o que caracteriza uma prostituta não é justamente oferecer seu corpo para o prazer do outro, sem, necessariamente, envolver seus sentimentos em tal comportamento? Rosa parece que se identifica com o adjetivo que o marido lhe dá. Ela detalha sua reação a essa situação com ira, mas o ato sexual continua, mesmo com ela chorando. Queixa-se de sua vida, mas comenta: *“eu não consigo sair de casa, não sei por quê. Porque mesmo com tudo que ta acontecendo, eu continuo reformando a minha casa...”*. Relata que tem pena do marido, *“porque ele foi uma pessoa que aos treze anos ele perdeu o pai e a mãe, acho que aos dez ele perdeu a mãe e treze ele perdeu o pai... ele ficou sozinho... Ele trabalhou na roça também como eu... A história dele é mais ou menos parecida com a minha”*. Ao se assemelhar com o marido no abandono, no ficar sozinho sem pai e mãe, a entrevistada permanece ao seu lado, em um vínculo de dependência emocional, pois seu companheiro reflete sua história e esse traço de desamparo os une.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud, durante muito tempo, atribui à relação da menina com o pai o fator responsável pelo desenvolvimento da feminilidade dela. Entretanto, ao final de sua obra, notadamente nos textos *Sexualidade feminina* (1931/1996) e a conferência 33 *Feminilidade* (1933/1996), conclui que a conquista da feminilidade deriva muito mais do desdobramento da vinculação da filha com a mãe ou quem a represente, marcando seu futuro como mulher. Observa-se que foi esse vínculo o responsável pelos desenlaces que Rosa pôde construir, demarcando uma saída possível diante do conflito psíquico. Percebe-se, também, que o sentimento de culpa expressado pela entrevistada acaba configurando sua psicodinâmica.

Sua psicodinâmica é destacada como mais arcaica, utilizando mecanismos psíquicos que dividem o mundo em “bom” e “mau”. Tenta se diferenciar da mãe biológica, mesmo com todos os irmãos apontando as semelhanças físicas entre elas. Luta para destoar da mãe em aspectos relacionais, mas repete os mesmos caminhos dela – “abandonou” os primeiros filhos aos cuidados de outra pessoa e se sente prostituta com o marido e com os policiais. Todo esforço parece sucumbir quando percebe que, a modo de uma herança, repete algumas escolhas da mãe biológica.

A culpa de Rosa remete a algo existencial, uma culpa por existir, já que não teve o investimento libidinal de sua mãe biológica e, ainda que o tenha recebido de sua mãe adotiva, carrega a marca da rejeição e abandono inicial.

A forma como ela se posiciona no mundo faz com que se aproxime reiteradas vezes das vivências primordiais, re-sentindo o medo de perder o amor do objeto. Em última análise, Rosa não tolera a situação do “estar só” por associá-la, mesmo que inconscientemente, ao abandono. Ela remonta, por meio de situações atuais, o desamparo precoce que vivenciou com a mãe.

Essa situação se repete, por exemplo, com os filhos, pois, para que continuasse trabalhando, deixou-os aos cuidados de outra pessoa, repetindo ativamente algo que experimentou passivamente. Rosa possui uma carência narcísica, quer se sentir amada e, para isso, submete-se ao outro, sacrificando, por vezes, a si mesma.

O poderio materno se apresenta desde o início da vida do indivíduo, acarretando-lhe repercussões decisivas em sua estruturação psíquica. Tamanha é a sua importância que tais efeitos podem prolongar-se em profundas marcas no inconsciente. A mãe é uma figura cheia de contradições nas interpretações infantis, ora é sedutora, estimulando as áreas genitais do infante durante o ato da higiene, ora é símbolo do amor “incondicional”. Ela pode ser fonte das primeiras angústias, representando as primeiras e mais intensas ameaças de desamor. Pode ser a geratriz, mas também a destruidora e vingativa. Pode ser deusa ou demônio. Cabe à criança ter recursos psíquicos – provenientes dessa relação ambivalente com a mãe – para conseguir lidar com as diversas faces de uma mãe e, a partir disso, desde que o vínculo tenha sido investido, predominantemente, pelo amor, a menina conseguirá construir um caminho rumo à feminilidade possível. Ao contrário, se interpretar e vivenciar situações extremas de rejeição e abandono conviverá com as insígnias dessa relação que se apresentará como um fantasma e que se manifesta pelo modo de se relacionar com o outro.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, L. C., MINERBO, M. **Pesquisa em Psicanálise**: algumas ideias e um exemplo. In: *Jornal de Psicanálise, Instituto de Psicanálise*. Vol. 39, nº 70, pp. 257-278. São Paulo, 2006

FREUD, S. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 06. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 07, pp. 117-231. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

FREUD, S. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente**. L. A. Hanns, trad., vol. 01, pp. 133-173. Rio de Janeiro: Imago, 2004

FREUD, S. (1917). O tabu da virgindade. In: **Obras completas**. P. C. de Souza, trad., vol. 09, pp.365-387. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

FREUD, S. (1923[1922]). Dois verbetes de enciclopédia. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 18, pp. 245-268. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 21, pp. 231-251. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – conferência XXXIII “Feminilidade”. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 22, pp.113-134. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, S. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – conferência XXXII “Ansiedade e vida instintual”. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 22, pp.85-112. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1937). Construções em análise. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. J. Salomão, trad., vol. 23, pp. 275-287. Rio de Janeiro: Imago, 1996

SAFRA, G. O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: **Investigação e psicanálise**. M. E. L. da, Silva, coord, pp. 119-132. São Paulo: Papirus, 1993

SILVA, M. E. L. da. Pensar em psicanálise. In: **Investigação e psicanálise**. (M. E. L. da, Silva, coord., pp. 11-25). São Paulo: Papirus, 1993

ABSTRACT: This article analyzes the case of a woman who has the mark of maternal rejection in her psyche and for this, it is based on psychoanalytic theory for the understanding of some aspects. In exposing her life story, we found elements that helped to raise hypotheses about how it relates to the world. It is perceived that, for the interviewee, her position in the face of life has as a characteristic some feelings and defenses arising from the difficulties she encountered in the relationship with her mother, situation, therefore, that had great impact in the construction of its subjectivity. Thus, the way one poses to be loved ends up repeating the internalized standards of such a relationship.

KEYWORDS: case study; Maternal rejection; Maternal relationship.

SOBRE OS AUTORES

ALINE DE DEUS DA SILVA Especialista em Psicologia do Trabalho: Gestão em Qualidade pela Universidade Católica Dom Bosco (2016). Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2014). Experiência de trabalho com Psicologia Clínica e Psicologia Social. Contato: psicologaalinesilva@gmail.com

ALONSO BEZERRA DE CARVALHO Graduado em Filosofia e em Ciências Sociais (UNESP), Mestre em Educação (UNESP), Doutor em Educação (Universidade de São Paulo), Pós-Doutor em Ciências da Educação (Universidade Charles de Gaulle, França) e Livre-Docente (UNESP). Professor adjunto da UNESP/Assis, atua no Departamento de Educação da UNESP/Assis e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília. Desenvolve pesquisas na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação e Didática, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, educação, amizade, modernidade, didática, formação de professores, filosofia e sociologia da educação. É líder do grupo de pesquisa do CNPQ Educação, Ética e Sociedade (GEPEES) da UNESP/Assis.

ANA PRISCILLA CHRISTIANO É professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR campus Londrina desde 2013. Atua junto às disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia e Educação e Supervisão em Estágio Profissionalizante. Doutora em Educação na área de Psicologia Educacional pela UNICAMP (2017). Mestrado em Psicologia na área de Infância e realidade brasileira pela UNESP - Assis (2010). Especialização em Psicopedagogia pela UEL (2008) e em Psicologia aplicada à Educação pela UEL (2005). Graduação em Psicologia pela UEL (2000). Realiza pesquisas na interface entre Psicologia e Educação com ênfase em infância, adolescência e juventude.

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ Psicólogo Clínico. Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e na Faculdade Metropolitana de Maringá (UNIFAMMA/PR). Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Especialista em Psicologia Fenomenológica-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR/PR) e Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: andre.psico01@gmail.com

BÁRBARA ANZOLIN Especialista em Avaliação Psicológica pela UNIFIL e SAPIENS Instituto de Psicologia, Bacharel em Psicologia pela UNIPAR/Campus Cascavel. Atualmente é professora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR/Campus Umuarama, mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM e

pesquisadora do DeVerso, grupo de pesquisa em Saúde, Sexualidade e Política. Contato: bah.anzolin@gmail.com

CEZAR AUGUSTO VIEIRA JUNIOR Psicólogo. Mestrando em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa "Saúde, Minorias Sociais e Comunicação".

DANIELE DA SILVA FÉBOLE Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Atua em atendimento clínico e atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEM e pesquisadora do DeVerso, grupo de pesquisa em Saúde, Sexualidade e Política. Contato: danifebole91@gmail.com

EDUARDO MOURA DA COSTA Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (Campus Assis), Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Psicólogo formado pela Universidade Estadual Paulista (Campus Assis). Membro do grupo de pesquisa "Teoria Sócio histórica cultural".

ELISANDRA CRISTINA DAL BOSCO Especialista em Gestão de Pessoas pela Faculdade Sul Brasil (2016), Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2014). Experiência de trabalho com Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social. Contato: elisandra_dalbosco@hotmail.com

ÊMILY LAIANE AGUILAR ALBUQUERQUE Possui graduação em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestranda em Subjetividade e práticas sociais na contemporaneidade na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Instituto Psicologia em Foco (IPF), atuando como redatora do Jornal Psicologia em Foco e organizadora de eventos em psicologia pela Oficina do Saber. Tem experiência na área de psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica e Psicanálise.

GIOVANA FERRACIN FERREIRA Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, mestranda em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Tem como foco de pesquisa a psicologia histórico-cultural, desenvolvimento humano, psicopatologia e álcool e outras drogas.

GIOVANA KREUZ Graduação em Direito - UNIVEL (2006) e graduação em Psicologia pela Universidade Católica do Paraná PUC-PR (1999). Especialização em "Psicanálise com crianças" pela UTP-PR e "Educação, políticas sociais e atendimentos a famílias" pelo ISEPE. Formação em Tanatologia (ISEPE). Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ (2009). Docente de psicologia na UNINGA (2012) e UEM (2012-2013 - Universidade Estadual de

Maringá). Psicóloga do Hospital do Câncer UOPECCAN (2001/2011). Certificada em Psicologia da Saúde pela ALAPSA e Especialista em Psicologia Hospitalar (CFP). Doutoranda em Psicologia Clínica na PUC-SP (2013-2017). Reside em Maringá PR onde atua em consultório particular e como colaboradora da ONGs Instituto Longevidade e CVV (Centro de Valorização da Vida), coordena grupo de estudos sobre suicídio; colaborou com a capacitação sobre prevenção e posvenção do suicídio, para 870 funcionários da Prefeitura de Maringá. Email de contato: giovana_k@yahoo.com.br

JAINNY BEATRIZ SILVA DUARTE Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi. Especializanda em Terapia Cognitiva Comportamental pela Capacitar. Estágio extra-curricular no CRAS de Espinosa-MG. Estágio extra-curricular no CREAS de Espinosa-MG. Mediadora do Grupo de adolescentes NUCA. Psicóloga no CRAS de Espinosa-MG. Participação do Projeto de Pesquisa e Extensão: Psicologia, Direitos Humanos e Povos Indígenas. Participação no Evento de Extensão “VI CIPSI- Congresso Internacional de Psicologia da UEM. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher.

JAIR IZAIAS KAPPANN Psicólogo, Mestre e Doutor pela UNESP de Assis, Professor Assistente do curso de Psicologia da UNESP de Assis, pesquisador dos grupos de pesquisa do CNPQ: Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Ética e Sociedade do (GEPEES), Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (NEVIRG) da UNESP/Assis. Pesquisador na área de políticas públicas para crianças e adolescentes, consumo de drogas, ética, educação e Psicanálise.

LUCIA CECILIA DA SILVA Psicóloga, Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduada em Psicologia e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP/RP), com pós-doutorado pela Université Paris-Diderot (França). E-mail: luciacecilia@hotmail.com

MARIA EDUARDA FREITAS MORAES Psicóloga. Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”.

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975), mestrado (1986) e doutorado (1993) em Psicologia Clínica pela PUC de São Paulo. É professora titular da PUC de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica e na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, fundadora (1996) e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto - LELu, da PUC-SP.

Coordenadora do GT Formação e Rompimento de Vínculos na ANPEPP., de 2005 a 2011. Co-fundadora do 4 Estações Instituto de Psicologia, em São Paulo. Membro desde 1997 do International Work Group on Death, Dying and Bereavement - IWG. Autora de livros, capítulos e artigos sobre luto, terminalidade, desastres e emergências, cuidados paliativos. Membro da Comissão de Emergências e Desastres do Conselho Federal de Psicologia, de novembro de 2014 a dezembro de 2016.

MARIA ISABEL FORMOSO CARDOSO E SILVA BATISTA Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP (2008), Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Araraquara (2000), Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Assis (1994). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE/Campus de Toledo-PR, estando vinculada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas e ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Contato: miformoso@hotmail.com

MARITA PEREIRA PENARIOL Mestre em Psicologia e Sociedade pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - FCL/UNESP Assis, SP, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Psicologia também pela UNESP/Assis (2012), com ênfase em Políticas Públicas e Clínica Crítica e Subjetividade, Trabalho e Administração do Social. Tem experiência nas áreas da Psicologia, Psicologia Social e Psicologia do Trabalho, com ênfase em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, análise institucional e gestão pública.

MAYRA MARQUES DA SILVA GUALTIERI-KAPPANN Psicóloga pela Univ. Presb. Mackenzie de São Paulo, Mestre e Doutora em Educação pela UNESP de Marília, pesquisadora dos grupos de pesquisa do CNPQ: Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Ética e Sociedade do (GEPEES), Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (NEVIRG) da UNESP/Assis e Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Desenvolvimento Sociomoral de Crianças e Adolescentes da UNESP/São José do Rio Preto. Docente de cursos de graduação e pós-graduação, desenvolve pesquisas em ética, educação, formação de professores, psicologia do desenvolvimento, desenvolvimento moral, consumo de drogas e políticas públicas. Atua também como psicóloga na clínica psicanalítica.

PAULO VITOR PALMA NAVASCONI Psicólogo, membro do coletivo Yalodê-Badá e do Núcleo de Estudos Interdisciplinar Afro-Brasileiro da UEM (NEIAB). Coordenador estadual da cadeira LGBT do Fórum Paranaense de Juventude Negra. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá

(UEM/PR) no ano de 2015. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Membro do grupo de pesquisa em sexualidade, saúde e política (DEVERSO). Dedica-se atualmente a estudos relacionados a raça, gênero, genocídio da população negra e comportamento suicida. E-mail: Paulonavasconi@hotmail.com

REGINA PEREZ CHRISTOFOLLI ABECHE Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (1985) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2003). Professora supervisora da área clínica e professora do Programa de Pós-graduação na área de concentração: Epistemologia e Práxis em Psicologia, do Departamento de Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá; coordenadora do projeto de Pesquisa-: Os sintomas na clínica atual: uma leitura em Freud. Tem experiência na área de Psicologia Clínica (teoria Psicanalítica). Estuda as seguintes temáticas: mídia, cultura contemporânea, adolescência. Tem como embasamento teórico Freud e a Psicanálise integrada também a uma visão histórico-social.

ROSE ANI JAROSZUK Psicóloga, Psicoterapeuta e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR).

SILVANA CALVO TULESKI Psicóloga, com formação acadêmica e atuação profissional na área de Psicologia Escolar e Educacional, Especialista em Psicologia da Educação, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/PR e doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP. É professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/PR. Participa dos Diretórios de Pesquisa/CNPq intitulados: Estudos Marxistas em Educação, Psicologia Histórico-Cultural e Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisas em educação Infantil. Possui diversos artigos publicados em revistas científicas na perspectiva teórica da Psicologia Histórico-cultural. É membro do corpo docente do Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e orienta trabalhos ligados aos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, Neuropsicologia Iuriana e problemas de escolarização na abordagem da Escola de Vigotski. Coordenadora do LAPSIHC (Laboratório de Psicologia Histórico Cultural) da Universidade Estadual de Maringá.

SILVIO JOSÉ BENELLI Psicólogo e mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Assis, SP. Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia, USP, São Paulo. Professor assistente doutor no Depto. de Psicologia Clínica e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FCL/UNESP, Assis, SP. Membro do Grupo de Pesquisa “Saúde Mental e Saúde Coletiva” inscrito no diretório de grupos do CNPq, Linha de pesquisa “Subjetividade, Psicanálise e Saúde Coletiva”.

SIMONE JÖRG Mestre em Psicologia Social pela PUCSP e Doutoranda em Psicologia Social pela PUCSP. Especialização pelo INSTITUT DE RECHERCHE EN PSYCHOTHÉRAPIE, de Paris (2012). Experiência na área de Psicologia desde 1995, com ênfase em Psicologia Social, Clínica e Organizacional. Atendimento clínico-social a crianças, adolescentes, adultos, famílias e grupos. Docente universitária. Coordenação do Colegiado de Psicologia e Responsável técnica pela elaboração de matriz curricular. Coordenação do NEPP - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia. Coordenação de NDE - Núcleo Docente Estruturante. Coordenação de projeto de pesquisa e extensão com comunidades indígenas do extremo sul da Bahia.

SYLVIA MARA PIRES DE FREITAS Psicóloga. Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Psicologia do Trabalho pelo Centro de Ensino Universitário Celso Lisboa (CEUCEL/RJ). Formação em Psicologia Clínica Existencialista pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ). E-mail: sylviamara@gmail.com

VANESSA DE OLIVEIRA BEGHETTO PENTEADO Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, mestranda em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Está cursando especialização em Teoria Histórico-Crítica na Universidade Estadual de Maringá. Tem como foco de pesquisa a psicologia histórico-cultural, psicopatologia, saúde mental e saúde pública.

ROSE ANI JAROSZUK Psicóloga, Psicoterapeuta e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: roseanij@hotmail.com

VIVIAN RAFAELLA PRESTES Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá (2011), especialização em Psicanálise: Teoria e Clínica pelo Núcleo de Educação Continuada do Paraná (2013) e mestrado pela Universidade Estadual de Maringá, linha Epistemologia e práxis em psicologia (2015). Atua como professora universitária na Universidade Paranaense (UNIPAR) e Faculdade Metropolitana de Maringá (FAMMA), também atende na clínica particular com referencial psicanalítico

WILSILENE PEREIRA GOMES Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi-BA. Estágio Extracurricular no serviço de Psicologia Jurídica junto ao NPJ (Núcleo de Prática Jurídica) da Faculdade Guanambi, com atendimentos a crianças, adolescentes, adultos e casais. Experiência no projeto Agitação Social

promovido pelo Rotaract Clube e Casa da Amizade de Guanambi-Ba com a participação do NPJ. Realizou os cursos em avaliação psicológica: testes projetivos e palográficos e Transtornos de Aprendizagem. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher, que foi apresentado no VI CIPSI. Dentre as qualificações profissionais, participou de vários simpósios voltados para a área da saúde, jurídica e social e atualmente atua como psicóloga do Município de Pindaí-BA.

ZELINDA DA SILVA NONATO REIS Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi-BA. Especializanda em Terapia Cognitiva Comportamental pelo Centro Universitário Amparense (UNIFIA). Psicóloga voluntária do hospital do rim em Guanambi-BA. Psicóloga do Centro de Referência de Assistência Social da cidade de Igaporã-BA. Estágio em Psicologia Hospitalar no Hospital Regional de Guanambi-BA. Estágio em Plantão Psicológico na Delegacia de Polícia Civil de Guanambi-BA. Participação da IV, V, VI Conferência Municipal de Assistência Social de Pindaí e da Capacitação para Conselheiros, gestores e lideranças em direitos da pessoa idosa no estado da Bahia. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher, que foi apresentado no VI CIPSI. Realização do mini-curso: Testes Projetivos na Faculdade Guanambi.